Revista Largo das Belas-Artes. ISSN 2184-9056. Vol. 05, nº 05, dez 2024

Museu Arqueológico do Carmo: ruínas que inspiram o processo criativo de moda.

Carmo Archaeological Museum: ruins that inspire the creative process of fashion.

MICHELE DIAS AUGUSTO*

*Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, CIEBA, Ciências da Arte e do Patrimônio, Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058, Lisboa/Portugal.

Resumo
Apresentaremos uma síntese do processo de trabalho realizado durante o primeiro ano de doutoramento, que parte do património do Museu Arqueológico do Carmo de Lisboa enquanto ruínas que inspiram. Tem como objeto de estudo a arquitetura e o acervo local, suas memórias e a transposição desses referenciais para os processos de criação artística de moda. Será exposta a metodologia de análise documental e laboratorial do processo criativo do projeto, realizadas a partir do conceito de atravessamento de linguagens entre moda, figurino e património cultural. Em observância aos métodos e modos de produção realizadas através dos diários gráficos, esboços, protótipos e fotografias. A fim de formar um corpus inspiracional a partir das referências iconográficas, plásticas e simbólicas, visíveis ou não. Portanto apresentaremos os resultados dos dados obtidos e sua contextualização, no intuito de refletir sobre a memória monumental enquanto inspiração durante o processo criativo artístico.
Palavras-chave: patrimônio e memória, processo criativo, Museu Arqueológico do Carmo de Lisboa, pensamento visual, moda.

Abstract
We will present a summary of the work process carried out during the first year of the PhD, which starts from the heritage of the Carmo Archaeological Museum in Lisbon as ruins that inspire. Its object of study is architecture and the local collection, its memories and the transposition of these references to the processes of artistic creation of fashion. The documentary and laboratory analysis methodology of the project's creative process will be exposed, carried out based on the concept of crossing languages between fashion, costume and cultural heritage. In compliance with the methods and modes of production carried out through graphic diaries, sketches, prototypes and photographs. In order to form an inspirational corpus based on iconographic, plastic and symbolic references, visible or not. Therefore, we will present the results of the data obtained and their contextualization, with the aim of reflecting on monumental memory as inspiration during the artistic creative process.
Keywords: *heritage and memory, creative process, Carmo Archaeological Museum in Lisbon, visual thinking, fashion.*

1. O Carmo: Convento - Ruínas - Museu

Iniciamos a investigação a partir das memórias do Museu Arqueológico do Carmo de Lisboa (MAC) ao longo dos tempos. Desde a fundação da Igreja e do Convento medieval (1389 – 1755) até sua posterior função enquanto museu (1864 – atual). A coletar dados iconográficos dos mitos e memórias do espaço, das alterações da

funcionalidade das estruturas internas da igreja, da arquitetura, os ritos, as confrarias os festejos etc. na intenção de formular uma reconstrução imaginária do ambiente da igreja, coletando informações relativas aos acontecimentos registrados.

O Convento "foi mandado construir pelo Condestável D. Nuno Alvares Pereira, que obteve em 1387 licença papal para iniciar a construção, em cumprimento de voto feito em Aljubarrota" (Calado, 2010: 105). Escolhendo um lugar de destaque "dentro dos novos muros da cidade, [...] Se o fez como desafio ao poder do rei D. João". O complexo do convento e igreja, dedicada à Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo, teve sua construção iniciada em 1389, terminada por completo em 1423. Foi edificado numa colina em representação simbólica de força de poder e independência do Condestável diante do poder régio de D. João I, simbolizado pelo castelo e pelas estruturas palatinas. A escolha do Condestável "não pode ser desligada de motivações de ordem político-ideológicas" (Pereira 2005: 22), pois "tratava-se de fazer concorrência ao rei". Representou o poderio temporal, e o depoimento espiritual do seu fundador. "O Convento do Carmo constitui uma peça excecional no xadrez político da época e uma das mais importantes declarações de representação do poder político através da arquitetura".

Sendo também símbolo de fé e devoção de seu fundador, pois D. Nuno

> Recolheu se ao Convento do Carmo de Lisboa, […] Agosto de 1422; e para maior perfeição do gênero de vida que abraçava, renunciando todos os títulos, e cargos, e repartindo de novo todos seus bens, rendas, e terras que possuía, sem reservar nada para si, tomou o tabardo de Donato em Agosto de 1423 de idade pouco mais de 63 annos, trocando o nome em Nuno de Santa Maria, como dahi em diante se assignou. Não he para esquecer, como vivo testemunho do seu exforço, e valentia, o que despois aconteceu, vivia o Santo Condestável no fervor de suas orações, e penitencias (Figueiredo, 1817).

O Carmo continha uma "conceção vanguardista no especto da escala e da linguagem" (Pereira, 2005) e deveria ser vista "como um enorme monumento de fé". É um templo gótico de amplas dimensões, um "monumento maravilhoso", que como Le Goff (2013) atribui às catedrais da Idade Média, contém o "triunfo da altura, triunfo também da luz, valorizando os grandes espaços internos[...], evidenciando o primado do plano superior sobre o inferior, visto que o ímpeto da elevação caracterizava a espiritualidade medieval" (Le Goff, 2013: 25); as inovações técnicas da arquitetura gótica como "a invenção do cruzamento de ogivas para sustentar a abóbada e dos arcobotantes e a elaboração dos chassis de pedra e da parede fina – que pouco a pouco permitiram construções cada vez mais altas, leves e luminosas" (Le Goff, 2013: 25), assim no Carmo. Além da "plasticidade que a sombra e a luz" que o autor apresenta como fator de promoção de um "diálogo de grande intensidade dramática, o que conduz à acentuação dos efeitos visuais".

A estrutura possui uma complexa composição, iniciando pela cabeceira o "coração' da igreja" (Pereira, C. N., 2016a), a "zona mais sagrada do espaço sagrado" (Teixeira, F., 2013: 6). A sua construção continha um intricado jogo de superfícies, criados a partir da capela-mor poligonal e as capelas laterais e cobertura em "cruzaria de ogivas [... e]

nervuras na abside" (Pereira, P. 2005: 28), tendo sua mais alta posição na parte da nave central. A última parte a ser construída foi o portal principal, em 1423, data o início das atividades devocionais até 1755, interrompida devido ao "forte terramoto, seguido de um maremoto atingiu principalmente a cidade de Lisboa" (*Torre do Tombo*, 2011). O incêndio destruiu a igreja "já que as velas estavam já acesas para as festas de Todos os Santos, acabou por nunca ser concluída e sua reconstrução" (Calado, 2010: 110).

As estruturas decorativas do espaço da igreja, das capelas e dos objetos devocionais contem uma coleção de obras de requinte de estilos artísticos suntuosos acumulados ao longo dos séculos. Pois ao durante este tempo ela acabou "recebendo painéis, pinturas, esculturas, talha, ourivesarias, paramentos e alfaias litúrgicas" (Pereira, 2016: 40) e passou a ser abrigo de "diversas relíquias de santos" (Fr. José Pereira Sant'Ana apud Pereira, 2016: 45). Guardara uma série de peças de vários materiais, estatuárias, painéis de pinturas, relicários e santuários túmulos de membros da congregação, das confrarias e importantes figuras históricas que além dos elementos decorativos também contemplavam representações simbólicas, como a tumba de seu fundador D. Nuno Álvares Pereira, que

> foi enterrado no meio da Capella mór em sepultura raza, em que se conservou quasi 100 annos. Sobre ella durou por muito tempo uma lâmpada de prata, que em honra sua lhe mandou pôr El Rei D. Duarte seu particular devoto. A Rainha D. Joanna de Castella […] descendente do mesmo Condestável, o mandou trasladar para um rico tumulo de mármore com a sua figura em cima da mesma pedra em habito de Donato Carmelita, e na idade de velho; e no topo em outra estatua em pé, que o representava ao natural em annos de mancebo, e armado em guerra, como costumava usar; desfez se com o terremoto de 1755. Com a mudança que despois se fez dos seus ossos para o lugar onde agora estão, lhe mandou o Senhor Rei D. José nova lâmpada, que arde defronte delle (Figueiredo, 1817).

Com a destruição da igreja e do convento durante o terramoto, parte da edificação que se mantivera de pé ganharam novas funções, as ruínas da Igreja passaram a abrigar a sede da Real Associação de Arqueólogos Portugueses (1864) e do "Museu Arqueológico do Carmo", fundado por Joaquim Possidônio Narciso da Silva e a parte conventual, a sede da Guarda Nacional Republicana.

Ao longo do tempo a arquitetura sofrera alterações e reformas que definiram o "caráter revivalista e romântico" (Pereira, C. N., 2016b: 47) do local. Formado por um conjunto de formas e elementos decorativos de "estética neogótica de natureza artificial" (Paulo Pereira, 2005).

O espaço do Carmo representa um lugar de lembranças de tempos passados que guarda "um conjunto de elementos ligados à cultura, história e memórias" (Catarino, 2011: 158), e que ao longo do tempo sofrera algumas alterações de ordem estilísticas resultando em sucessivas alterações até os dias atuais, e gerou com isso um artifício de "sedução pela coexistência, justaposição e articulação de estilos num mesmo edifício" (Choay, 2017). As alterações e reformas definiram o "caráter revivalista e romântico" (Pereira, 2016: 47) presente na sua aura.

Da estrutura original pouco restou, os suportes e colunas, a cobertura da igreja,

Revista Largo das Belas-Artes. ISSN 2184-9056. Vol. 05, nº 05, dez 2024

frisos e molduras foram destruídos restando os arcos entre outros elementos, a parte da fachada a porta principal, tornou-se portanto "um esqueleto de pedra involuntário, uma peça do urbanismo poético da cidade" (Pereira P., 2005: 39), o Carmo possui o caráter cênico da atmosfera de lugar mítico e excecional, de grandeza arquitetónica das catedrais medievais aprontado por Le Goff (2013), e preservou-se, ao longo do tempo, como um lugar de culto e de emoção dos visitantes..

Figura 1. O Carmo vista interna, arcos, capelas. Fonte e fotografia Própria.

2. O Carmo: a *maravilha* monumental: entre santos, maravilhas, heróis e monstros

Originalmente o espaço do templo gótico possuía 72 metros de comprimento, estruturalmente dividido em um corpo constituído por uma nave central, de 24,64 metros de altura e duas laterais, de 18,70 metros de altura; pelo transepto de 33 metros de comprimento e 8,8 metros de altura, composto pelo lado do Evangelho e o lado da Epístola; e por uma cabeceira composta pela abside , com cerca de 15,40 metros de altura, que abriga a capela-mor e quatro capelas laterais, "os abisidíolos escalonados que ladeiam a capela-mor" (Pereira, C. N. 2016: 31). O corpo da igreja, as naves laterais e os transeptos eram preenchidos com "capelas encimadas por janelões de arco quebrado".

O local fora agraciado por mecenas abastados, patronos, confrarias e instituidores de capelas, o que proporcionaram uma coleção de obras de requinte de estilos artísticos suntuosos ao longo dos séculos. Recebendo painéis, "pinturas, esculturas, talha, ourivesarias, paramentos e alfaias litúrgicas que decoravam as 25 capelas da igreja" (Pereira, 2016a: 40), dispostas nas capelas das naves laterais e na cabeceira.

Nas capelas da cabeceira ocorreram alterações de imagens, devoções e funções ao longo do tempo, servindo de jazigo para famílias abastadas, espaço de reunião de irmandades e espaço de devoção espiritual. Ao longo do século XVII o recebera elementos decorativos "ao gosto barroco" (Calado, 2010: 107), principalmente na capela-mor, molduras e talhas douradas, painéis pintados e de azulejaria, obras de pedraria e reformas nas paredes, "com almofadas ele mármore de várias cores", o retábulo era "protegido por um cortinado de damasco carmesim, com sanefas de veludo lavrado e franjado a ouro" era local das imagens dos santos e seus diademas e bordões de prata.

Durante as reformas artístico-litúrgicas promovidas pelo Frei João de Santo Tomás e Frei Jorge Godines em 1613, a capela-mor passa a abrigar "diversas relíquias de santos" (Fr. José Pereira Sant'Ana apud Pereira, 2016: 45). O local guardava relicários

e santuários veneráveis pelas relíquias que continham, expostos em dias de festejos, e guardados por painéis em dias comuns. Guardados por painéis de pinturas, os compartimentos dos santuários das santas Relíquias, dispostos em "altos nichos de talha dourada, que contém hum grande numero de Meyos Corpos, Braços, Pyramides, Custodias, Ambulas de crystal, e accommodações de varias matérias. [...] alguns dos quaes estão como em Relicarios, no peito dos Meyos Corpos, que na figura representão os seus Prototypos" (Fr. José Pereira Sant'Ana apud Pereira, 2016: 46), "conjuntos compostos em corpos de madeira estofados em ouro, com as relíquias no peito" (Calado, 2010), entre outros. Os nichos eram dispostos na parte do Evangelho (9) e na parte da Epístola (8) e nos dias solenes, descobria-se todo o santuário e as elegantes figuras que guardavam as Relíquias ficavam expostas.

Outro aspeto relevante da investigação foi a *mirabilia,* "a categoria do maravilhoso" (Le Goff, 2010), o que está entre o milagroso e o mágico, presente no universo pitoresco do mediev. No Carmo os seres híbridos e de aspetos vegetalistas estão tanto em sua formação original quanto no acervo museológico, atualmente possui uma variedade de elementos da *mirabilia* de diversos tempos e locais, dispostos ao longo do espaço e nas paredes, na porta principal, "representações nas quais o homem e a natureza se procurariam unificar" (Teixeira, 2013: 10). Em fontes e túmulos.

Figuras híbridas, pertencentes ao "mundo da obscuridade" e do "mundo dos medos" "figuras estranhas ao mundo natural ou figuras da natureza" (Fernandes, 2020: 88), a "representação do ciclo natural da vida-morte-renascimento" (Fernandes, 2009: 61) através das máscaras de folhagem" os *Green Men*, em elementos decorativos da arquitetura da igreja e em peças do acervo. Além das demais imagens de híbridos de animais, insetos, répteis quadrupedes, dragões combinados a partes antropomórficas em lutas, figuras do maravilhoso que Carla Fernandes aponta como alerta contra os perigos, as tentações e os males que espreitavam em cada lugar do mundo e em cada lugar do interior do ser humano.

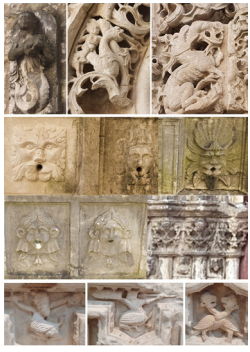

Figura 2. *Mirabilia* no Carmo seleção. Fonte e fotografia própria.
Figura 3. *Green Men* no Carmo seleção. Fonte e fotografia própria.

Outo tópico de análise tem sido a iconografia dos trajes de esculturas e relevos, está em estudo no momento as arcas tumularias de Fernão Sanches, Francisco de Farias, do Condestável e a do Rei formoso, instigam a investigação da genealogia e a análise dos trajes apresentados nestes objetos. Além das memórias da relação Regina,

os conflitos e intrigas entre as figuras de D. Inês de Castro, D. Pedro I, D. Constância Manuel e D. Fernando I e a sucessão da linhagem real. A relação dos túmulos e as mensagens transmitida para além de seu tempo.

3. As ruínas, seres, trajes e memórias que inspiram

A investigação pretende conectar a Moda e o património cultural, a partir das memórias materiais, as redes de relações e ideias que o compõem. Recolher e colocar em diálogo o acervo da instituição cultural e processos de criação, levando em conta o valor da contribuição da rede de memórias particularidades do patrimonio para as criações artísticas e a utilização dos elementos plásticos, simbólicos e sensíveis do local combinando-os de maneira a gerar projeções de formas familiares em representações únicas, mas que transmitam a essência dos elementos inspiradores.

Das memórias do Carmo estão sendo formados diversos fios condutores e a partir deles, têm sido desenvolvidas uma série de narrativas cênicas fotográficas que contemplem e conectem aspetos do design de moda e das memórias icônicas. A transmitir o aspeto sensível do local através da composição, dos elementos da aura 'maravilhosa' do espaço, da arquitetura, da intervenção da natureza, da arte sacra, dos repositórios de relíquias, da arte tumular, dos seres híbridos da *mirabilia* e dos tipos de indumentárias contidas em peças do acervo, através da criação artística de modo a preservar o caráter contemporâneo a produção, mas estabelecer uma relação com os ícones do passado. A gerar artefactos que estabelecem uma relação de pertencimento, se originam no lugar mnemônico do MAC, e que portanto carrega em si qualidades materiais e imateriais constituintes de sua origem.

O diário gráfico 1 – O Carmo Fragmentado

A partir dos fios condutores foram, foram desenvolvidas experimentações visuais originárias da análise da arquitetura. Da forma das cruzarias de ogivas, a ausência de teto e incidência de luz, as nervuras das colunatas, as inserções dos elementos decorativos dos restauros, o caráter romântico e cenográfico e a relação entre natureza e o tempo das memórias das relações régias associadas ao túmulo de D. Fernando I entre outros estudos.

O diário gráfico pretendeu criar um registro que permitisse "transparecer a natureza indutiva da criação" (Salles, 2011) e transportar a atmosfera do Carmo para um mundo particular e subjetiva e única, construída a partir dos fragmentos iconográficos.

Durante o processo do primeiro diário gráfico, a passagem do tempo, a tragédia e as ruínas tiveram destaque, foi realizado um recuo no tempo "em busca das origens" (Choay, 2017) para utilizar "figuras e pontos de referência concretos, mas sem a preocupação de fazer um inventário". Planejamos mapear referências e narrativas para que, a partir delas, pudéssemos gerar inputs para o pensamento criativo. Inicialmente coletamos dados centrados na aura do espaço atualmente, em observação a iluminação local, peças da arte tumulária, os ornamentos vegetalistas das janelas manuelinas, a iconografia santuária, a intervenção da natureza, as alterações estruturais.

Os fios condutores foram convertidos em um painel de referências de inspiração

(Figura 4), materializando o caráter romântico e cenográfico do espaço e acervo do atual Museu. Atmosfera sensível criada contribuiu para a formação do pensamento visual criativo e a posteriores experimentações (Figura 5), observando a decodificação e imersão no espaço através do corpo e o traje transformadas sob a forma de "projeção das formas familiares" (Gombrich, 2007) transcritas para as ideias e formatos vestíveis.

Figura 4. painel de referências visuais (2020), fotografia e fonte: Própria.

Figura 5. O diário gráfico e os esboços experimentais (2020), fonte: própria.

A linguagem visual buscou a imersão no universo local, as experimentações foram construídas pela ação de "experimentar com o espaço" (Goldberg, 2015) através da perceção plástica e sensorial das manipulações visuais de personificações do edifício e suas (Figura 6). O primeiro diário gráfico apresentou alguns aspectos simbólicos, usando palavras como ancoragem de significados: Mito, Túmulo, Natureza e algumas colagens, desenhos e protótipos concretizaram a presença física das imagens devocionais, dos arcos ogivais, dos rendilhados, das dobras e nervuras veladuras, das camadas opacas e translúcidas, dos túmulos medievais, camadas e volumes da arquitetura captadas no estudo local, para realizar "uma nova maneira de articular o mundo, uma nova metáfora" (Gombrich, 2007) utilizando a natureza enquanto uma personificação encantada que permeia a cena e dialoga com o espaço. Abrindo precedente para apresentar a áurea mística local.

Figura 6. O Carmo fragmentado (2020), experimentação por fotomontagem, estudo de linguagem, fotografia e fonte: própria.

O diário gráfico 2 – O Carmo Maravilhoso e Inês relicário

A análise da cultura visual da Idade Média, comportou novos fios condutores, aprofundados a partir da indumentária medieval, da aura maravilhosa do Carmo e do túmulo de D. Fernando I. O ponto desenvolvido baseou-se na relação conflituosa entre D. Fernando I, D. Constança, D. Pedro e D. Inês de Castro e os relicários da antiga estrutura religiosa.

O desenvolvimento visual do processo criativo parte da formação de personificações de memórias transmitidas pelo corpo vestido e o gestual aliado ao

Revista Largo das Belas-Artes. ISSN 2184-9056. Vol. 05, nº 05, dez 2024

ambiente cênico. Após a seleção dos elementos sensíveis à inspiração, aplicamos a prática experimental de conexões transformando-as em imagens e sensações, através da formação de painéis narrativos (Figura 7) e esboços (Figura 8). A Figura 7 combinou e justapôs fragmentos da *mirabilia* medieval, da comunhão com a natureza e com o divino espiritual, passando por representações imagéticas maravilhosas dispostas no ambiente que se compõem num conjunto de milagre e a magia.

Figura 7. Painel de referências do diário gráfico *Carmo maravilhoso*, o espaço mítico e simbólico. Fonte e fotografia própria.

Figura 8. Fragmentos do diário gráfico, esboços e ilustrações. Fonte e fotografia própria.

Destacamos também as memórias devocionais e festivas, como as estatuárias e os recetáculos das relíquias, assim como as relações conflituosas das memórias associadas a D. Fernando I, D. Inês de Castro, D. Pedro I, D. Constância e D. Fernando I e a sucessão da linhagem real, combinados às relíquias em corpos de madeira, formulando uma nova linguagem visual a partir desta combinação. No sentido de criar uma figura com uma aura divina e mítica.

As experimentações do segundo diário (Figuras 9 e 10), utilizaram o coração como relicário de força e espiritualidade, associadas ao conflito régio e o amor que venceu a morte "raramente se encontrou em alguém um amor tão grande como aquele que el-rei D. Pedro teve a D. Inês, [...] não há amor tão verdadeiro como aquele ao qual o grande espaço de tempo não faz perder da memória a pessoa amada que morreu" (As crónicas de Fernão Lopes, por António José Saraiva, 1969: 57), tentativas de retratar as configurações simbólicas e sensíveis da glorificação da figura, numa santificação associada ao caráter mágico da narrativa que surge a partir da mensagem do túmulo de D. Fernando I.

Figura 9: Máscara, fotografias e desenho. Fonte e fotografia própria.

Figura 10. Resultados preliminares da primeira experimentação *Inês Relicário*. Fonte e fotografia própria.

A figura 8 baseia-se na proteção mística e natural, mas que seduz e apresenta os valores medievais de persistência dos ensinamentos morais, um ser feminino a princípio, com elementos vegetalistas que serve de alerta contra as tentações e os males que espreitavam em cada lugar do mundo e em cada lugar do interior do ser humano, representados pelo gestual e traje mais insinuante e provocador. Um ser fantástico, utilizando a quebra da barreira do natural e o sobrenatural apresentada por Le Goff (2010), que pertence ao mundo dos medos ao mesmo tempo que represente o ciclo natural da vida-morte-renascimento.

As criações ainda em processo de construção originaram-se da análise dos elementos de proteção divina de outrora, das diversas capelas presentes na Igreja e que mantém a aura de fé e a energia, anteriormente depositada pelos fiéis, confrarias e irmandades que mantinham viva a chama da devoção, e através da *mirabilia* contida na arquitetura original e nas peças de diversas épocas, que ao estarem reunidas neste local de espírito cenográfico, passam a integrar um só tempo – o tempo do Carmo, em que os seres protegem o espaço *maravilhoso.*

Conclusão

O estudo memória do Carmo possibilitou o mergulho em seus diversos momentos e suas modificações temporais, ressaltando importância dos fragmentos na construção da inspiração artística. A partir do método de seleção, combinação de dados e análise para criação de atmosferas sensíveis e a sua tradução em uma narrativa. Para tal intenção foram utilizadas fotografias in loco, protótipos, manipulações digitais, esboços e croquis a fim de resultar na tradução de maneira visual, poética e subjetiva as sobreposições de narrativas contidas no espaço.

Na intenção de recuar no tempo em busca das origens do Convento do Carmo de Lisboa, suas alterações temporais e históricas, usando pontos de referência para gerar inputs do pensamento criativo, a fim de criar imagens que projetem formas familiares às captadas no museu transportando-as numa representação simbólica através do gesto, do corpo e do traje. Ao longo do semestre além da recolha de documentação e leitura de aspetos da arquitetura, da ornamentação religiosa do Carmo e da iconografia medieval fantástica, foram realizados experimentos de trajes e formas, utilizando a *mirabilia* investigada, personificando-os em trajes, ilustrações e ensaios fotográficos.

Também foram explorados elementos do universo devocional e mítico dos relicários e signos de fé, aliados às memórias régias de D. Fernando I, a considerar e as representações de legitimação das esposas de seu pai D. Pedro I, considerando-as como damas de um jogo entre o amor e o sangue real. O processo resultou no ensaio: *Carmo maravilhoso*, personificação da arquitetura e *Inês divino Relicário*, glorificação da figura, numa santificação associada ao caráter mágico da narrativa que surge a partir da mensagem do túmulo de D. Fernando I.

Utilizou como ancoragem do pensamento visual, as narrativas consultadas, como as de D. Pedro I e seu testemunho de honra aos ossos de D. Inês, associadas aos retábulos e relicários santos do Carmo, A fim de transmitir a atmosfera das memórias através da linguagem artística subjetiva, a resultar na construção de um *corpus inspiracional* que

Revista Largo das Belas-Artes. ISSN 2184-9056. Vol. 05, nº 05, dez 2024

transmitissem de forma representativa a dramaticidade das memórias.

O resultado foi a construção de um *corpus* inspiracional que transmitissem de forma representativa, sem a intenção de ser uma transposição fiel do objeto (Gombrich, 2007), a dramaticidade das memórias, cores, silhuetas, o sangue real e o conflito, devoção, iluminação espiritual, transmutação dos seres híbridos que protegem e alertam. Durante o processo foram observadas implicações sobre a definição da atmosfera da cena total, e os resultados ainda estão em processo, sendo necessários mais investigação da organização visual da composição, a fim de maiores esclarecimentos das maneiras de transmitir a atmosfera de uma memória através de personificação metafórica e subjetiva. A linguagem visual que está sendo desenvolvida busca a imersão no universo local, para criar uma atmosfera de dramaticidade no intuito de refletir sensivelmente a aura do monumento, em suas diversas passagens do tempo e de que maneiras podemos promover a combinação destas.

A construção das peças preserva características do contemporâneo aliadas a conceitos e formas de tempos passados, sendo então a criação "algo gerado pelo encontro dos artefatos do passado e a sensibilidade de quem olha e estuda com os olhos de hoje, para produzir algo novo que contenha a atmosfera e o valor do patrimônio do qual partiu."(FASHION HERITAGE: Moda e Patrimônio, 2020).

As criações originaram-se através da captação de dados documentais, realizando um processo de conexões transmitidas de forma representativa. Durante o processo foram observadas implicações no que tange a definição de aspetos relevantes da aura e como transportá-la para o suporte cênico (no sentido de corpo, traje, gesto, ambiente luz entre outros pontos), através de cores, camadas de significações, numa tentativa de captação das essências do patrimônio.

Agradecimentos

A autora agradece ao Grupo de Investigação e Estudos em Ciências da Arte e do Património - "Francisco de Holanda'' – CIEBA o apoio para este trabalho de investigação. Este artigo foi possível por apoio da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Referências

Alsina, A. O. i, Subirachs, J. C., & Duran-Porta, J. (2020). *Imago & mirabilia: Les formes del prodigi a la Mediterrània medieval*. Universitat Autònoma de Barcelona. https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=787617

Arnaud, J., & Fernandes, C. V. (2005). *Construindo a memória: As colecções do Museu Arqueológico do Carmo.* Associação dos Arqueólogos Portugueses.

As crónicas de Fernão Lopes, selecionadas e transpostas em português moderno por António José Saraiva. (1969). Portugália.

Calado, M. (2010). Antes do terramoto: O Chiado dos conventos. In *Chiado: Efervescência urbana, artística e literária de um lugar.* (p. 96–111). CIEBA / FBAUL; Repositório da Universidade de Lisboa. http://hdl.handle.net/10451/1990

Catarino, J. (2011). Place-specifity e construção da memória no espaço público. In *O Chiado, a Baixa e a esfera pública.* Faculdade de Belas Artes da Universidade de

Lisboa*:* 158–161. http://hdl.handle.net/10451/6712

Choay, F. (2008). *A alegoria do património*. Estação Liberdade, UNESP.

FASHION HERITAGE: Moda e Patrimônio. (2020). *unsatisfashion.fashion-for-future.com*, *2*. https://unsatisfashion.fashion-for-future.com/unsatisfashion2

Fernandes, C. V. (2005). Vida, Fama e Morte, reflexões sobre a Coleção de Escultura Gótica. In J. Arnaud & C. V. Fernandes (Orgs.), *Construindo a memória: As colecções do Museu Arqueológico do Carmo.* Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Fernandes, C. V. (2009). *A imagem de um rei—Análise do túmulo de D. Fernando I*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Museu Arqueológico do Carmo.

Fernandes, C. V. (2020). Suspeita, terror e atração: Seres noturnos e mirabilia em túmulos régios portugueses do século XIV. In *Imago & mirabilia: Les formes del prodigi a la Mediterrània medieval* (p. 87–97). Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions. https://ddd.uab.cat/record/235905

Figueiredo, P. J. de. (1817). *Retratos e elogios dos varões e donas que ilustraram a nação portuguesa em virtudes, letras, armas, e artes, assim nacionais, como estranhos, tanto antigos, como modernos, oferecidos aos generosos portugueses*. https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/267269

Goldberg, R. (2015). *A arte da performance: Do futurismo ao presente.* (3ª).São Paulo: Martins Fontes.

Gombrich, E. H. (2007). O poder de Pigmaleão. In *Arte e ilusão: Um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes*:* 80–98

Jorge, T. (2011). *Torre do Tombo: De Real a Nacional*. http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/torre-do-tombo-de-real-a-nacional/

Le Goff, J. (2010). *Uma longa Idade Média* (2ª). Civilização Brasileira.

Le Goff, J. (2013). *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Vozes.

Museu de Arte Sacra. https://mas.ufba.br/

Ostrower, F. (1999). *Acasos e criação artística.* (2ª). Elsevier.

Ostrower, F. (2010). *Criatividade e processos de criação.* (25ª). Vozes.

Pereira, C. N. (2016). (Re) construções do Carmo: Utopia no espaço público. In João Quaresma (Org.), *Chiado, Carmo metropolis e utopia: Artes na esfera pública*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. https://repositorio.ul.pt/handle/10451/25087

Pereira, P. (2005). *O convento e a Igreja de Nossa Senhora do Vencimento do Carmo.* (J. Arnaud & C. V. Fernandes, Orgs.). Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Revista Claudia. (2021, janeiro 29). *Nova coleção de alta-costura da Dior é inspirada no tarô.* CLAUDIA. https://claudia.abril.com.br/moda/dior-nova-colecao-alta-costura/https://claudia.abril.com.br/moda/dior-nova-colecao-alta-costura/.

Salles, C. (2011). *O gesto inacabado: Processo de criação artística.* Entremeios.

San Payo, M. (2009). *O desenho em viagem: Album, caderno ou diário gráfico, o album de Domingos António Sequeira.* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. http://hdl.handle.net/10451/2732

Pereira, C. N. (2016a). *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-*

Revista Largo das Belas-Artes. ISSN 2184-9056. Vol. 05, nº 05, dez 2024

1755) (Vol. 1). Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Pereira, C. N. (2016b). (Re) construções do Carmo: Utopia no espaço público. In João Quaresma (Org.), *Chiado, Carmo metropolis e utopia: Artes na esfera pública*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. https://repositorio.ul.pt/handle/10451/25087

Pereira, P. (2005). O convento e a Igreja de Nossa Senhora do Vencimento do Carmo. In J. Arnaud & C. V. Fernandes (Orgs.), *construindo a memória: As colecções do Museu Arqueológico do Carmo.* Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Teixeira, F. (2013). O convento do Carmo em Lisboa e os começos da arquitetura Carmelita. In *Atas do Ciclo de Conferências sobre "Convento de Nossa Senhora dos Remédios e a Ordem do Carmo em Portugal e no Brasil" associado à Exposição.* Câmara Municipal de Évora. www2.cm-evora.pt/conventoremedios

Torre do Tombo: De Real a Nacional. (2011). http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/torre-do-tombo-de-real-a-nacional/

Notas biográficas

Michele Augusto é doutoranda em Belas Artes - Universidade de Lisboa, Mestre em Artes Visuais - UFRJ, Graduação em Figurino (Artes Cênicas - Indumentária) - UFRJ. Artista visual e designer de moda e figurino, professora e pesquisadora de patrimônio e memória associados a processos criativos artísticos de moda, artes cênicas, criação de figurinos, sustentabilidade e upcycling têxtil. Docente do curso técnico de Produção de Moda da FAETEC - Brasil (2009 - atual), atuou como docente na Escola de Belas Artes UFRJ - Brasil (2009-2010 - 2016-2018), para os cursos de artes cênicas, Colaboradora do projeto Studio Criativo. Atualmente realiza pesquisas relativas à investigação de patrimônio e memória com inspiração na prática artística de moda e figurino.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8857-7258

E-mail: micheleaugusto@edu.ulisboa.pt

Morada: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos de Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058, Lisboa, Portugal.

REVISTA LARGO DAS BELAS-ARTES
Volume 05, número 05 – Jornadas Francisco de Holanda
Dezembro 2024
ISSN 2184-9056

Revista internacional com comisão científica

Direção
Luís Jorge Gonçalves

Ilustração da Capa
Cláudia Matoos

Projeto gráfico, paginação e *design*
Elaine Karla de Almeida

Edição
Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa - FBAUL | Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes - CIEBA | Vicarte - Vidro e Cerâmica para as Artes.

Comissão Editorial/Científica
Elaine Karla de Almeida
Leonor Veiga
Ilídio Salteiro
Luís Jorge Gonçalves
Michele Dias Augusto

Logotipo
Elaine Karla de Almeida | Michele Dias Augusto

Contacto
largobelasartes@gmail.com

Lisboa, dezembro 2024.

A Revista Largo das Belas-Artes, Volume 05, número 05 – Jornadas Francisco de Holanda, resulta de um encontro realizado entre os investigadores da seção "Francisco de Holanda", área de Ciências da Arte e do Património do Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), com o objetivo de apresentar e discutir os respetivos projetos em desenvolvimento. A revista "Largo das Belas-Artes" acolheu este evento científico e fixa uma memória das atividades da seção Francisco de Holanda do CIEBA.

Créditos da Capa:
Cláudia Matoos, *Largo das Belas-Artes de Lisboa, 2024*
(Original em tinta da china sobre papel: 20 x 15,5 cm - edição digital da cor)
Fonte: Cortesia da artista

Revista Largo das Belas-Artes
Volume 05, número 05 – Jornadas Francisco de Holanda
Dezembro 2024
ISSN 2184-9056

Este arquivo é parte integrante da Revista Largo das Belas-Artes, volume 5 (5), disponível em: https://sites.google.com/edu.ulisboa.pt/encontros-largo-belasartes/revista-largo-das-belas-artes

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
b a
cieba
belas-artes ulisboa
VICARTE VIDRO E CERÂMICA PARA AS ARTES

Índice

Index

1. Editorial

Jornadas Francisco de Holanda
Luís Jorge Gonçalves

1. Editorial

Francisco de Holanda Journeys **7 - 8**
Luís Jorge Gonçalves

2. Artigos originais

Vieira Portuense, um artista viajante do Século XVIII
Bruna Lobo

2. Original articles

Vieira Portuense, a traveling artist of the 18th Century **10-19**
Bruna Lobo

A história não contada da pedra-sabão
Carolina Coppoli

The untold history of soapstone **20-28**
Carolina Coppoli

Ritos e tradições nas comunidades pomeranas com atuação no território capixaba
Elaine Karla de Almeida

Rituals and traditions in Pomeranian communities operating in capixaba territory **29-39**
Elaine Karla de Almeida

Da criação à investigação: transdisciplinaridade, experimentalismo e feminismo.
Maria João Lopes Fernandes

From creation to research: transdisciplinary, experimentalism and feminism. **40-49**
Maria João Lopes Fernandes

A coleção de pintura do Museu Militar de Lisboa: imagens que atravessam memórias
Maria José Marino Marcela Coelho

The painting collection of the Military Museum of Lisbon: images that cross memories **50-63**
Maria José Marino Marcela Coelho

O Real Edifício Sonoro de Mafra: Uma Nova Abordagem
Michel Reis

The Royal Sonorous Building of Mafra: A New Approach **64-70**
Michel Reis

Museu Arqueológico do Carmo: ruínas que inspiram o processo criativo de moda.
Michele Dias Augusto

Carmo Archaeological Museum: ruins that inspire the creative process of fashion. **71-82**
Michele Dias Augusto

Azulejo: conexiones Sevilla-Lisboa. Proyecto de Investigación e Innovación educativa
Olga Duarte Piña

Tile: Seville-Lisbon connections. Research and Educational Innovation **83-91**
Olga Duarte Piña

3. Resumos | *Abstracts*

Arte Território: perspectivas e conexões
Cláudia Matos Pereira (Cláudia Matoos) **93**

Em busca das caixas de fotografia de família: Imagens (re)veladas por mãos e olhares femininos **93**
Daniela Remião de Macedo

As Deslocações do Atelier no contexto da arte portuguesa ao longo do s´´eculo XX: do Ar-livre às Residências Artísticas **94**
Diogo Freitas da Costa

O efeito EUROPALIA'91 na internacionalização dos museus portugueses
Elsa Garret Pinho **94-95**

Considerazioni su alcune opere attribuite allo scultore João de Ruão
Federico Troletti **95**

A 'Coleção Nacional' do Sudeste Asiático
Leonor Veiga **95**

Projeto para salvaguardar a colecção de Desenho Anatómico da Faculdade de Medicina de Lisboa **96**
Mariana Sousa | Lia Neto | Alice Alves

O BIM na investigação de núcleos museológicos - A reserva de Escultura da FBAUL **96-97**
Miguel Gomes | Alice Nogueira Alves

O Gabinete Secreto de António Casimiro
Paulo Morais-Alexandre **97**

Narrativa visual, a imagem como ficção e a ficção da imagem
Vasco Mendes Lopes **97-98**

4. Ficha Técnica / *Datasheet*

100

Revista Largo das Belas-Artes. ISSN 2184-9056. Vol. 05, nº 05, dez 2024

Jornadas Francisco de Holanda

Francisco de Holanda Journeys

LUÍS JORGE GONÇALVES*

*Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Vidro e Cerâmica para as Artes - VICARTE, Largo da Academia de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal.

As "Jornadas da seção Francisco de Holanda de Ciências da Arte e do Património do Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA)", foi um encontro realizado entre os investigadores, com o objetivo de serem apresentados e discutidos os respetivos projetos em desenvolvimento. A revista "Largo das Belas-Artes" acolheu este evento científico e fixa uma memória das atividades da seção Francisco de Holanda do CIEBA.

A seção Francisco de Holanda de Ciências da Arte e do Património do Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), remonta a sua atividade à primeira década do século XXI. O professor Fernando António Baptista Pereira foi o grande impulsionador, da sua criação, e que propôs Francisco de Holanda como seu patrono.

O percurso de Francisco de Holanda (Lisboa: 1517- Lisboa: 1585), cuja grafia originalmente seria de Francisco d'Olanda, encerra no seu percurso os objetivos da seção. Foi um artista, na área do desenho, iluminura, arquitetura, escultura e pintura. Uma personalidade que se afirmou como um humanista, com uma vasta cultura. Viajou pela Itália onde realizou o "Grand Tour", percorrendo várias cidades, visitando o Museu do Vaticano, cuja visita ficou documentada, e realizou uma entrevista com Miguel Ângelo, com o qual se fez representar. Foi ainda espião, porque desenhou as fortalezas de algumas cidades de Itália. Também foi arqueólogo, museólogo, ensaísta, teórico, crítico e historiador de arte. A ele se deve a teorização do conceito de Maneirismo.

Francisco de Holanda é a personalidade certa para o patronato desta seção, dada a abrangência de áreas do conhecimento, como se pode observar pelos projetos apresentados.

A partilha de informação é fundamental, para que os investigadores se conheçam. A atividade de pesquisa, nomeadamente para as dissertações de mestrado e teses de doutoramento, é um trabalho solitário, nomeadamente no momento da escrita, que exige concentração, mas também partilha. Estas jornadas possibilitaram essa partilha. Trata-se de uma prática frequente em outros centros de investigação e que se devia tornar mais frequente.

Para as jornadas serem possíveis foi importante a dedicação de Leonor Veiga, de Elaine Karla Almeida e Michele Dias Augusto. Uma referência especial a Jorge dos Reis que concebeu a identidade gráfica (Figura 1).

Figura 1. Identidade gráfica do encontro. Fonte: Jorge dos Reis.

Notas biográficas

Luís Jorge Rodrigues Gonçalves, Professor Associado com Agregação da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL). Doutorado em Belas-Artes, na especialidade de Ciências da Arte e do Património, com a tese "Escultura Romana em Portugal: uma arte no quotidiano". Leciona na FBAUL disciplinas de História da Arte (Pré-História e Antiguidade), História da Arte Brasileira, História do Azulejo em Portugal, Museologia e Curadoria. Foi coordenador do Mestrado de Museologia. Exerceu o cargo de Diretor da FBAUL e de Presidente do Conselho Pedagógico. Desenvolve investigação em "Arte, Territórios e Espiritualidade", nos domínios da Arte Pré-Histórica, da Escultura Romana e da Arte Brasileira. Explora interfaces entre arte pré-histórica, arte antiga e arte contemporânea. É responsável por exposições monográficas sobre temáticas do património.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5094-3603

E-mail: lj.goncalves@belasartes.ulisboa.pt

Morada: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04042/2020.